

## 4. Transmissão psíquica geracional

Na prática clínica pode-se observar a repetição de padrões familiares que indicam a influência da história familiar e da identificação do sujeito com seus ancestrais na subjetividade do indivíduo. Após o anúncio dessa história, que até esse dado momento não havia sido apropriada pelo sujeito, há uma descarga de tensão, que às vezes surpreende o paciente e também parece posicionar a história em seu devido tempo e espaço. Essa perspectiva nova ajuda o sujeito a se apropriar da história como pertencente ao passado histórico de seus ancestrais, e, ao mesmo tempo, dá margem a se libertar da condição alienante em que se encontrava.

Por conta do grande número de profissionais perceberem também essa questão, a transmissão psíquica é objeto de inúmeros trabalhos. A literatura tem buscado estudá-la sob diversos ângulos: sob a perspectiva sistêmica com autores como Ivan Boszormenyi-Nagy, Murray Bowen, Helm Stierlin, Bucher, Costa e Wagner e sob a abordagem psicanalítica com autores como Kaës, Berenstein, Pudget e Berenstein, Eiguer, Ruffiot, Piva, dentre outros. Também há o estudo por meio da releitura dos textos de Freud (Bucher-Maluschke, 2008). Será privilegiada, neste estudo, a vertente psicanalítica da transmissão. Kaës (2001a) expõe que a hipótese da psicanálise sobre a transmissão psíquica é de que a psique é transmitida entre o sujeito e aqueles que o precedem. A questão que permeia esse fenômeno é como estabelecer o que seria individual e o que seria herdado da subjetividade.

Freud estuda a transmissão psíquica em diversos trabalhos, traçando diferentes ênfases. Primeiro, aborda sobre a hereditariedade, depois sobre a etiologia das neuroses e como elas são transmitidas por meio do psiquismo. Em outro momento, Freud discute a transmissão inconsciente por meio da identificação com o objeto e com a fantasia com o desejo do outro. Também complementa sua investigação por meio do estudo da transmissão do tabu, do crime e da culpa entre as gerações. Kaës (2001a) afirma que há quatro áreas de pesquisa sobre a transmissão em Freud, a transmissão intrapsíquica, a intersubjetiva, a transpsíquica e a formação do ego. A primeira se refere ao estudo da transmissão que se dá por con-

ta dos pensamentos intermediários, como a passagem da vigília para o sonho, do inconsciente para o pré-consciente, do pré-consciente para o consciente, dos pensamentos latentes para os manifestos e das associações para as representações-meta inconsciente.

A transmissão intersubjetiva se origina a partir do grupo familiar, ou grupo primário. Ao nascer, o sujeito faz parte de uma cadeia intersubjetiva que é anterior ao sujeito. Ele torna-se o elo, o servidor, o beneficiário e o herdeiro dessa cadeia. A partir da relação com o grupo, a psicanálise considera que o sujeito do inconsciente é aquele que herda e até mesmo pertence ao grupo. A intersubjetividade transmite matéria psíquica que forma o seu inconsciente e produz efeitos na sua subjetividade.

A constituição do sujeito deriva da intersubjetividade, ou seja, do grupo que o precede (Kaës, 2001a). O autor afirma que a constituição do sujeito do grupo é determinada por dois aspectos convergentes, tanto pelo próprio funcionamento do inconsciente no psiquismo, quanto pela imposição de um trabalho psíquico feito a partir da ligação com a intersubjetividade. Ou seja, a psique é subordinada àquilo que precede o sujeito, como a família, as instituições e as massas.

Aqueles que são escolhidos como representantes do grupo e que antecedem o sujeito, o sustentam e o mantêm por meio dos cuidados e dos investimentos. São eles que oferecem meios de proteção e de ataque, assim como, nomeiam os lugares, apresentam os objetos, traçam vias de realização, indicam limites e enunciam interditos. A partir de todo esse investimento daqueles que o recebem, nomeiam, sonharam e sonham por ele, o situam no mundo e falam dele, que o sujeito se torna falante e falado. Isso se deve tanto pela língua quanto pelo desejo dos porta-vozes do desejo do interdito e das representações da família. A formação do sujeito falante, portanto, se dá *a posteriori* dos efeitos de ser sujeito do grupo.

O psiquismo se forma a partir dessas ações e apenas sob essas condições que o sujeito pode utilizar a linguagem e a fala das gerações anteriores. Ele herda predisposições, se apropria delas e as utiliza para determinada finalidade. No entanto, parte da herança permanecerá desconhecida e obscura dentro do sujeito, sendo imposta por um ou por vários outros. O legado se dá de diversas formas, por intermédio do apoio dado, da identificação com os outros e da incorporação de aspectos daquele que antecede (Kaës, 2001a).

O sujeito do grupo pertence a mais de um grupo, isso porque coexistem inúmeros espaços psíquicos intersubjetivos. Esse processo se dá por via psíquica e o sujeito herda por meio do apoio, da identificação, da incorporação, pelas exigências próprias e por suas coerções de recalçamento, contraditórios e convergentes.

Kaës (2001a) sugere que as formações do inconsciente podem ser transmitidas por meio das cadeias das gerações e dos contemporâneos. O autor coloca que o sujeito não pode eleger não participar dos grupos que o precedem. Isto é algo que está determinado pela pré-história da pessoa e por todos aqueles que fizeram parte dela. É a participação de mais de um sexo e de mais de um indivíduo que torna o sujeito herdeiro e servidor dos desejos insatisfeitos, dos recalçamentos, das renúncias, das fantasias e das histórias do grupo que o antecede.

É por meio dos grupos que “são transmitidas e remanejadas as formações do ideal, as referências identificatórias, os enunciados míticos e ideológicos, os mecanismos de defesa, uma parte da função recalçante, os ritos” (Kaës, 2001a, p.14). O autor expõe ainda que o que é retido em uma geração pode ser acessível a outras através de traços, já que a transmissão se dá por meio desses. Exemplo disso são os sintomas que mantêm presentes o recalçado, mesmo sem que se tenha conhecimento da motivação do sofrimento. Com isso, as gerações permanecem interligadas. O que se observa é que há pressão para que sejam transmitidas as heranças, podendo provocar depósitos, enquistamentos, projeção ou rejeição do não-recalçado. A transmissão, segundo Kaës, é material, uma vez que não necessariamente é acessível pelo sentido das palavras. Nessa vertente, o autor expõe uma vinheta clínica em que a paciente tinha sintomas autodestrutivos e descobre que era vítima de violência materna na infância. Para sua surpresa também, as mulheres da família por três gerações repetiam uma dinâmica de serem vítimas e carrascos. Tal exemplo mostra o enredamento intersubjetivo do sintoma com uma situação de violência de que a paciente não tinha conhecimento (Kaës, 2001a).

Um aspecto interessante de ser observado é a apropriação inconsciente que o herdeiro faz dos sintomas familiares. Questiona-se o que estaria por trás desta dinâmica, provavelmente é a identificação.

A identificação é a mais antiga forma de laço emocional entre objetos (Freud, 1921/1976). Ruiz Correa (2007) observa que a família possui um espaço psíquico comum onde são mobilizados os processos de identificação que fundam

o alicerce de construção identitária e da transmissão psíquica geracional. Magalhães e Féres-Carneiro (2007) assinalam que “a comunicação de conteúdos inconscientes familiares ocorre por meio das identificações familiares, a partir das relações mais significativas da vida do sujeito” (p. 354). Com isso, parece que o sujeito ao se identificar com os antepassados, constrói sua identidade e se une à família.

Há duas vertentes de identificação, a primeira, transitiva, se dá por meio do reconhecimento como idêntico, parecido com a dinâmica dos sonhos. Outra forma é a reflexiva que se refere à apropriação das qualidades do outro, em um processo essencial para a constituição do sujeito (Baranes, 2001).

Faimberg (2001) observou que em um momento na transferência pode emergir um objeto histórico ou da identificação que era secreto para o paciente. Essas identificações são mudas, inaudíveis. A autora conceituou tal dinâmica como *telescopagem das gerações*. Ao se compreender a história das identificações, é possível torná-las mais claras; estas, a princípio, não fazem parte inteiramente da geração do paciente. Faimberg assinala que por meio da revelação das identificações na transferência, consegue-se fazer sua historicização. E acrescenta:

O processo identificatório congela o psiquismo em um ‘sempre’ que caracteriza o inconsciente, qualificado de atemporal. Talvez fosse mais correto falar de uma outra temporalidade. Quando se conhece a história secreta, é possível modificar os efeitos que ela exerce sobre o ego, modificar a clivagem alienante. Esse processo de desidentificação permite restituir a história enquanto pertencente ao passado. A desidentificação, por conseguinte, é a condição da liberação do desejo e da constituição do futuro (Faimberg, 2001, p. 83).

Um aspecto interessante a ser ressaltado diz respeito ao tempo da transmissão, que, segundo Kaës (2001b), nem sempre é linear, sendo não-fluídico, já que uma parte é conservada por traços. Havendo, portanto, oposição entre o traço e o fluido. O autor explica que Freud articula a relação entre pulsão, representação e afeto, colocando o primeiro na ordem da energia e os outros como informação. Mesmo com o recalçamento, o afeto e o representante da pulsão são transmitidos, já que a memória desses será um traço que poderá seguir inconsciente. Para ele, quando Freud cita Goethe<sup>1</sup> está afirmando o processo ativo da transmissão da he-

<sup>1</sup> “Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”.

reditariiedade psíquica: há uma aquisição apropriativa. O autor retoma a posição de Freud de que a herança é necessária para que o sujeito se constitua, sendo ela da ordem da transmissão simbólica. Kaës parte dos trabalhos de Lacan, N. Abraham, M. Torok, M. Krull e M. Balmory para desenvolver a idéia de que “o traço, a marca segue seu caminho através dos outros até que um destinatário se reconheça como tal” (Kaës, 2001b, p.56). Por meio da hipótese de Freud de como se dá a transmissão, o autor conceitua o aparelho inconsciente da transmissão como aquele que é capaz de interpretar, constituindo e produzindo sentidos. O autor cita Bion, que parte da hipótese de que as dimensões intra e transpsíquicas na transmissão estão ligadas, e que o inconsciente individual é impessoal, coletivo e herdado, propondo, então, o modelo da função *alpha* de transformação.

Kaës (2005) relaciona a transmissão da vida psíquica entre gerações com a negatividade. O autor expõe que a transmissão não se dá só *pelo positivo*, ideais, mecanismos de defesa neuróticos, identificações e pensamentos de certezas; mas também *pelo negativo*, quer dizer aquilo que não pôde ser contido, retido e lembrado, o que não estava inscrito no psiquismo dos pais, mas que é depositado ou enquistado na *psique* do filho. Padrões de negativo são, por exemplo, a falta, a enfermidade, a delinquência, o que ficou desaparecido sem traço nem lembrança, onde não foi realizado o trabalho de luto.

Kaës (2005) assinala, portanto, que a formação do inconsciente se dá não somente pelo recalque, mas também pela recusa, a forclusão, a clivagem e o desmentido. Logo, a transmissão ocorre, não exclusivamente pelos significantes e pelos desejos pré-formados e deformados que nos antecedem, mas também pelos significantes gelados, enigmáticos e brutos que não foram simbolizados. Para o autor, nesses casos houve falha em várias gerações no que Freud conceituou de aparelho de interpretar-significar.

Por meio do estudo de autores como N. Abraham, M. Torok, M. Krull e M. Balmory, Kaës (2001a) afirma que tudo que foi abolido em algum tempo aparecerá como enigma, ou seja, o signo do que não pôde ser simbolizado, em gerações posteriores. O interessante é que alguns sujeitos se colocam como portadores do impensado, com a anuência inconsciente dos outros, firmando seu destino e seu próprio fim nesse lugar enigmático.

Para Kaës (2005), existem essencialmente dois processos de transmissão da vida psíquica entre gerações: as identificações e as alianças inconscientes. O

vínculo entre as gerações se estabelece por meio da identificação com o objeto do desejo e com a fantasia inconsciente do outro. Dentre as várias formas de identificação, o autor cita a identificação projetiva que, por sua vez, dificulta o processo de introjeção, já que o sujeito projeta partes de si em um objeto. As alianças inconscientes, no entanto, propiciam a transmissão da vida psíquica entre gerações e entre os membros de um grupo por meio do pacto denegativo, uma vez que para que o vínculo se estabeleça são impostos acordos inconscientes sobre o inconsciente. Os vínculos se organizam tanto de forma positiva, mantendo os “investimentos mútuos, identificações comuns, sobre uma comunhão de ideais e crenças, sobre modalidades toleráveis de realizações de desejos” (Kaës, 2005, p. 132-3), quanto negativamente através de renúncias, sacrifícios, apagamentos, rejeições e recalques e restos. As alianças inconscientes asseguram que ninguém saiba sobre desejos que lhe são próprios ou dos que antecederam, alcançando unicamente a realidade psíquica obtida a partir das alianças contratadas.

Benghozi (2005) afirma que o que dá base à transmissão psíquica consciente e inconsciente são os laços psíquicos de filiação e de afiliação. E o autor coloca que “a construção do laço de aliança conjugal é uma forma de remalhagem recíproca dos continentes familiares das famílias de origem de cada cônjuge” (p. 103). Em seguida, ele liga os problemas de laço com os da transmissão psíquica. Machado (2007) aborda a questão falando da existência da transmissão e da elaboração de traumas transgeracionalmente. O autor assinala que os padrões defensivos também são transmitidos entre gerações, partindo do pressuposto de que os afetos também são herdados.

De acordo com Ruiz Correa (2000), a diferença entre transmissão psíquica transgeracional e intergeracional é que na primeira se transmite o que não foi transformado, nem elaborado e tampouco simbolizado, enquanto a intergeracional se caracteriza por ser um material transmitido e transformado entre gerações mais próximas. Piva (2006) expõe a universalidade da transmissão transgeracional e o fato de ela ser co-formadora da subjetividade.

Ainda sobre a transmissão, é relevante o conceito que Freud (1913/1999) traz sobre o tabu que “são proibições de antiguidade primeva que foram, em certa época, externamente impostas a uma geração de homens primitivos; devem ter sido calcadas sobre eles, sem a menor dúvida, de forma violenta pela geração anterior” (p. 40). E ainda acrescenta que “traz em si um sentido de algo inabordável,

sendo principalmente expresso em proibições e restrições” (p. 28). É uma instituição social que produz conflito de ambivalência, já que ao mesmo tempo em que, o inconsciente deseja concluir o ato proibido, há o medo de que isso aconteça. Isso porque o tabu, que tem origem misteriosa, é “algo que não pode ser tocado” (p. 34), há uma fobia de contato. Aquele que viola o tabu, também vira tabu, tendo o poder de despertar nos outros os desejos proibidos e a ambivalência, sendo, portanto, contagioso. Outro aspecto importante abordado por Freud é o fato de o impulso inconsciente não surgir, necessariamente, no momento que apareceu, uma vez que pode ser deslocado para outros períodos e para outras pessoas, sobrevivendo desde tempos remotos até épocas em que tais circunstâncias possam parecer estranhas.

A violência também é transmitida entre as gerações, seja como uma tentativa de elaboração do trauma vivenciado, seja na forma de método de resolução de problemas. Ramos e Oliveira (2008), inclusive, chamam a atenção para casos de pessoas que foram vítimas de agressividade quando crianças pelos pais e reproduziram essa forma de interagir socialmente para com seus filhos, na tentativa de educá-los e impor limites. Tal procedimento acarreta em reduzir as vítimas em objetos de maus-tratos e pode produzir ações como violência, abuso de poder disciplinador e coercitivo, vitimização e até negação dos valores humanos fundamentais, tais como a vida, a liberdade e a segurança.

É comum o desejo de se tornar uma família melhor que a de origem, entretanto, não é raro que modelos criticados se repitam. Isto se deve, em parte, porque há transmissão dos métodos de resolução dos problemas, inclusive de padrões interacionais violentos (Ribeiro e Bareicha, 2008).

Penso e Neves (2008) apresentam casos em que pais reproduzem os padrões insatisfatórios de educação e cuidados recebidos de seus próprios genitores, fazendo com que histórias de violência se perpetuem entre as gerações. Nesses casos, deu-se uma paralisação emocional frente às situações abusivas, não sendo possível, em gerações sucessivas, oferecer proteção à criança (Penso, Costa e Almeida, 2005).

Os pais precisarão do legado que foi passado pelas gerações anteriores para construir seus valores, metas e táticas educativas (Wagner, 2007). Terão que fazer uso de seus recursos intrapsíquicos para desejarem e criarem imaginariamente os filhos, além de retornarem às origens para possibilitar e sustentar os la-

ços para com os filhos (Passos, 2007). A filiação implica no “reconhecimento dos lugares de um e do outro, além de representações e investimentos afetivos e recíprocos” (Passos, 2007, p.273). Sabe-se que a parentalidade é um processo ativo, tornar-se pais está para além do fator biológico, já que existe herança intergeracional. Há uma construção a partir do sistema de parentesco que definirá as formas de se relacionar, os direitos e os deveres de cada membro. Existe uma co-construção: tanto o bebê produz e parentaliza os pais, como o contrário também acontece. Assim, o termo parentalidade designa a compreensão dos vínculos de consanguinidade e dos processos psicológicos envolvidos no desenvolvimento que se segue a partir da transmissão intergeracional (Solis-Ponton, 2004). Lebovici observa que:

O processo de parentalização engloba uma criança imaginada. Uma criança imaginária é o fruto da história transgeracional da mãe e do pai, história que constitui o mandato do destino da criança e esse mandato vai se modificar no futuro, felizmente, se os conflitos não forem muito rígidos (Solis-Ponton, 2004, p. 23).

Muito já foi estudado sobre o desenvolvimento humano e a importância dos pais nesse processo, embora a ênfase normalmente esteja na mãe. Em relação à importância dos pais, Bucher (2003) assinala que:

O casal parental ainda funciona como um modelo para os filhos, justificando-se o procedimento de colocá-los, sob sua tutela, por serem uma ascendência cronológica, psicológica, emocional e econômica em relação a eles (p. 170).

Bowlby (1976/2001) sintetizou estudos de sua época sobre a importância da mãe na saúde mental dos filhos e estabeleceu o termo “privação materna” para os casos em que a falta total de cuidados da mãe levou ao estabelecimento de uma série de sintomas característicos nos filhos, como a dificuldade em estabelecer relações íntimas e duradouras, a indiferença afetiva ou até mesmo a delinquência. O posicionamento de Bowlby influenciou uma geração a acreditar que a falta da mãe (ou substituta) poderia ser responsável pela doença mental. Cabe fazer um questionamento de como a mãe que sofre violência do seu marido pode ter dificuldade em estar “presente” na relação com o filho, uma vez que pode se encontrar debilitada emocional e fisicamente.



Winnicott (1985) aborda sobre a importância do pai para o bom desenvolvimento da criança. A primeira razão referida pelo autor é que o pai propicia à mãe uma boa sensação no corpo e no espírito. Quando o relacionamento entre os pais é satisfatório, o filho é capaz de reconhecê-lo como tal e com isso se sente feliz pela vida mais simplificada. A partir da união sexual dos pais, é possível criar uma fantasia que serve de base para projetar a raiva e ajudar na solução das dificuldades nas relações triangulares. O pai apóia moralmente a mãe, sustentando a lei e a ordem. A divisão da autoridade entre os pais ajuda na distribuição dessa responsabilidade, não sobrecarregando a mãe.

As características positivas do pai e seus aspectos distintos de outros homens também são realçados pelo autor como importantes na vida da criança. Ela poderá se beneficiar ao buscar conhecer o pai e usá-lo na sua imaginação. Com as habilidades e os conhecimentos paternos, a criança poderá participar do novo mundo apresentado pelo pai, tanto nas brincadeiras como no dia a dia. O pai estar vivo nos primeiros anos de vida da criança também tem valor, por conta de dar a ela a convivência e a possibilidade de conhecê-lo (Winnicott, 1985). No entanto, quando o pai é violento, o filho pode se sentir ambivalente quanto aos seus sentimentos para com o pai: ora pode idealizá-lo e sentir sentimentos de amor, ora pode odiá-lo e sentir medo de que o pai faça mal à mãe ou à própria prole. Assim, pode tornar difícil também o relacionamento entre pai e filhos, já que pode haver a sensação de que relacionar-se com o pai seja perigoso, ou que seja convivência com a agressão paterna e que esteja traindo a mãe.

Portanto, as vivências de cada cônjuge com seus pais na infância, quando não simbolizadas, obrigam a repetição, deslocando para o parceiro amoroso a tentativa de elaboração. O que torna mais complexo esse processo são os conteúdos não assimilados, que foram transmitidos de uma geração à outra, ou seja, a transmissão psíquica transgeracional (Kaës, Faimberg, Enriquez e Baranes, 2001). Tal transmissão de conteúdos não elaborados por uma geração também provoca a repetição, nas gerações posteriores da família.